

Chamem-lhe obsessão, chamem-lhe doença, chamem-lhe o que quiserem, eu não consigo parar. No atelier são imensas as horas que se passam em busca de uma linguagem plástica própria que resulta da assunção de experiências vivenciais fortes...da exploração de conjugação de símbolos da cultura visual, cores do mundo em que estou a viver...do país, da estação do ano...da dor que sinto, da alegria...do que vejo, do que amo. Posso dizer que sofro de uma ansiedade profunda que magoa cá dentro e que apenas se liberta quando descanso o olhar nas cores, no gesto, no movimento...nem que seja das ondas que explodem nas pedras.

Os sentidos misturam-se na criação, a música dá-me alento e a régua, o papel, o metal, o x-acto, a tinta, o pincel e a temperatura dão-me vida.

É no vazio, no branco imaculado da parede...onde está colado o círculo de cores...é de um sentir desesperado que imerge a criação. Foi aqui e tem sido ao longo de um percurso de compulsivo criador onde nascem novas linguagens...uma fórmula inquietante, uma falta de juízo, digamos assim...é que pára tudo: o tempo, a lógica, a razão, a regra, o imposto, quem passa ao lado...e nasce tudo outra vez...a calma, a alegria, o prazer.

As fronteiras acabaram e os valores alteraram-se. O cruzamento de ideias, formas, pensamentos, vidas, momentos, sabores, cores...coisas que nunca pensei alguma vez usar...o verde, o rosa! Apaixonei-me novamente pelas cores, por outras cores.

Chamem-lhe obsessão, chamem-lhe doença, chamem-lhe ansiedade, loucura, disparate...o que quiserem, eu não consigo parar.

"É preciso um caos dentro de si para gerar uma estrela dançante", Nietzsche.

10 de Junho de 2009

15 de Junho de 2009, Velas, Ilha de São Jorge, Açores.

Rita Vargas